



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante solenidade de comemoração do sesquicentenário do Ministério dos Transportes e do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Clube do Exército – Brasília-DF, 28 de julho de 2010

Juro por Deus que vou ser breve, porque eu, embora tenha um problema de audição, eu estava vendo uns copos bater uns nos outros ali, em um tal de coquetel. E aniversário que eu conheço tem coquetel e não discurso. Entences, eu vou tentar ser o mais rápido possível aqui.

Não vou utilizar a nominata porque, quando Pancho Villa fez a Revolução, no México, ele aboliu a nominata e chamava os “concidadãos mexicanos” e as “concidadãs mexicanas”. Eu quero dizer: companheiros e companheiras do Transporte e da Agricultura; companheiros ministros e ex-ministros; companheiros da imprensa.

Nós, acho que estamos colhendo o que nós plantamos. Eu aprendi, há algum tempo, que se todos nós aprendêssemos a fazer apenas o óbvio, tudo seria mais fácil. Se nós, governantes deste país, fizéssemos apenas o óbvio, este país já teria dado um salto de qualidade extraordinário.

O problema é que, muitas vezes, cada ministro que vem com o governo, ele vem com uma tese. Então, ele não constrói um programa de governo para o país, ele tenta colocar a sua tese em prática, achando que ela vai ser útil para o país. E, às vezes, algumas coisas dão certo, e outras vezes dão errado. O presidente tira o ministro, coloca outro ministro, sem pedir-lhe que vá continuar o trabalho do anterior, mas mudam tudo, a começar do chefe de gabinete e do secretário-executivo, que é quem conhece a história do Ministério.

E por que eu digo que fazer o óbvio é a única coisa que pode dar certo no país? Aqui, o nosso querido Barão de Mauá. Ora, ele apenas descobriu que



não era possível o Brasil não ser mais colônia e continuar sendo tratado como colônia e que, portanto, o Brasil precisava criar a infraestrutura de desenvolvimento, precisava ter ferrovia, precisava ter siderurgia, precisava ter portos, e ele tratou de tentar fazer isso. O que fez ele fracassar? A inveja, na medida em que ele começou a ficar mais importante do que os governantes da época, que não conseguiam fazer o que ele fez.

Eu lembro que, eleito presidente da República, eu nem conhecia o companheiro Roberto Belangero. Roberto Belangero, que eu falo, é porque o Corinthians teve um jogador muito importante chamado Roberto Belangero... Está lembrado? Idário, Goiano e Roberto. E eu não conhecia o Roberto quando eu, pré-candidato, em [19]82, fui fazer um seminário sobre Agricultura, eu conheci o Roberto, e depois um companheiro em comum falou: “Olha, Lula, seria importante você levar o Roberto para ser ministro da Agricultura”. Eu fiz apenas o óbvio: eu não poderia trazer um companheiro meu, se eu tinha alguém que eu não conhecia que era mais competente do que o meu companheiro e que tinha sido humilde a ponto de indicá-lo para ser o meu ministro.

Depois, nós tivemos que escolher a direção da Embrapa. Escolhemos primeiro o diretor da Embrapa, depois precisava trazer o segundo... O Roberto me disse: “Presidente, olha, eu gostaria que o senhor levasse uma pessoa para trabalhar na Embrapa”. Eu disse: quem é? “Sílvia Crestana”. E, aí, vários amigos meus: “Olha, cuidado, que ele é de Direita”, “Cuidado, que ele é conservador”, “Cuidado, que não vai dar certo”. Eu liguei para um outro amigo meu, conhecido de muitos de vocês, que me falou: “Eu conheço o cara, aqui de São Carlos. O cara é porreta, pode levar o cara”. E vamos ser francos: O Sílvia fez um trabalho exuberante, exuberante na Embrapa. Inclusive, quando eu o desafiei a fazer o PAC da Embrapa, ele foi preciso na elaboração do programa e na execução do programa.



Por razões particulares, o nosso querido Sílvio quis sair, eu queria indicar um outro companheiro. Criamos aquela tal de comissão de busca, que a gente não tinha feito até então, Roberto, e chegou em um tal de Pedro Arraes. Esse Pedro Arraes é um Pedro Arraes de Direita ou de Esquerda? Ele é um Pedro Arraes para o Arraes da família pobre ou para o Arraes da família rica? A mim, não me interessava, o que me interessava é que ele tinha sido escolhido. E tanto quanto o Sílvio, certamente, vai fazer um trabalho extraordinário na Embrapa e está dando sequência a tudo aquilo que a gente fez de certo na Embrapa. Porque nós apenas fizemos o óbvio.

Eu lembro um dia em que o Roberto Rodrigues entrou na minha sala do jeito dele, meio afoito, acho que tinha cantado alguns boleros. Ele estava inquieto... Eu estou vendo que ele está inquieto aqui, se mexendo. Ele já quer sair, porque deve ter algum bolero por aí hoje. Ou, quem sabe, deve ter uma casa de chorinho. Bem, o Roberto estava... entrou na minha sala e falou assim para mim: "Presidente, temos uma revolução para fazer no país, uma revolução, uma coisa chamada biodiesel". Nós ainda, Roberto, não fizemos a revolução, mas já ultrapassamos muito aquilo que a lei previa para 2013, em 2010. Ainda estamos cometendo um pequeno erro, na minha opinião, que é um grande percentual do nosso biodiesel produzido da soja, que eu sempre achei que poderia servir para equilibrar quando o preço da soja caísse no mercado internacional, a gente utilizar um pouco de soja para valorizar o preço dela aqui, mas que não poderia ser a matriz, porque aí sim a gente está substituindo uma oleaginosa por alimento altamente saudável para o povo deste país.

Mas já tive o prazer, foi uma pena que você não pode ir junto, de ir ao Pará lançar um programa de biodiesel da palma, com (incompreensível) da Embrapa. É. Agora, Roberto, agora eu ainda estou achando que a Petrobras, e não quero... criamos uma empresa específica para isso, para ser uma espécie de indutora, para dar a garantia de que a coisa é certa. Você sabe que a Petrobras nem gostava de etanol, agora já comprou até usina de etanol. As



coisas mudaram porque apenas fizemos o óbvio. Fertilizante, a Petrobras tem que entrar na área de fertilizante. Ela tem gás, a gente não tinha gás há três anos, hoje nós temos gás, e já estamos combinados de fazer uma fábrica de fertilizantes em Três Lagoas e uma fábrica de amônia em Uberaba, além de outras que estamos fazendo com a Vale do Rio Doce. Eu estou convencido de que daqui a cinco anos este país terá que exportar... se hoje ele importa 80% de fertilizante, sobretudo nitrogenado, a gente vai estar importando ou muito pouco, ou a gente já vai estar exportando um pouco, com empresas brasileiras produzindo na Argentina, com empresas brasileiras produzindo no Peru, com empresas brasileiras produzindo em outros países.

Essa é uma coisa que todo mundo sabia que o Brasil precisava. Não fui eu que inventei que o biodiesel era uma coisa importante para nós, porque o Expedito Parente patenteou em 1975. O que foi duro foi ficar de [19]75 a 2003, antes de você entrar na minha sala, sem industrializar aquilo e criar um mercado na indústria brasileira para aquilo.

Então eu acho que as coisas estão acontecendo. Nessa área, Roberto, você sabe o tanto que eu tenho brigado. Paulinelli, eu tenho viajado o mundo com os empresários, eles sabem que talvez eu seja o (incompreensível) empresário... o único presidente do mundo que não tenha vergonha de vender cana, que não tenha vergonha de vender a fábrica de mosca, nossa, mosca do fruto, lá em Juazeiro, da Bahia, que não tenha vergonha de vender os aviões da Embraer, que não tenha vergonha de vender o biodiesel, que não tenha vergonha de vender aquilo que o Brasil tem. Porque tinha presidente que viajava para fora e não tinha interesse nem de levar empresário junto. Nós estamos levando empresário é no “sucato”. Estamos tentando comprar um novo, porque no dia em que cair no meio do oceano o “sucato”, nós estamos desgraçados. Mas, o Moura, o nosso almirante Moura... o “sucato”, às vezes, leva 18 mecânicos dentro. A imprensa, que me criticou – não a imprensa, alguns políticos veicularam, via imprensa, críticas a mim, quando eu comprei o



avião, o “Aerolula” –, uma vez estava no avião quando o avião levantou e teve que voltar, aí todo mundo chega à conclusão de que era preciso comprar um avião novo.

E uma outra coisa que é óbvia é que este país tinha que se respeitar. Este país não poderia continuar com a cabeça tacanha. Eu descobri isso quando eu vim de Davos, em 2003, não sei se você foi comigo, Roberto, no dia 25 de janeiro de 2003. Não é possível que um país do tamanho do Brasil esteja comercialmente subordinado apenas a uma lógica americana e a uma lógica europeia e a gente não abra novos caminhos para nós.

E aí visitamos mais países no Oriente Médio que qualquer presidente na história, visitamos na África já 29 países, e eu acho que o Brasil tem que ter consciência de que uma parte da história do futuro passa pela aliança do Brasil com o continente africano, por isso levamos o escritório da Embrapa para a cidade de Acra, em Gana, para mostrar ao mundo que grande parte da savana africana tem o mesmo solo do cerrado brasileiro e que os países ricos do Norte podem comprar os biocombustíveis renováveis que eles precisam para atender o Protocolo de Quioto dos países africanos e parar de utilizar combustíveis fósseis.

Então, isso tudo é o óbvio. O diferente era a gente continuar brigando para fazer a tal da Alca, como queriam os americanos, isso era difícil. A atitude que nós tomamos fazendo o óbvio, diversificando as nossas exportações, é que permitiu que na crise... eu fui tão achincalhado quando eu disse que era uma marolinha, nós provamos que ela chegou por último aqui e foi embora primeiro porque a gente estava mais preparado. Ela chegou em 2008, o PAC começou em 2007, em vez de a gente se amedrontar com o preço da soja e com o preço de *commodities*, nós criamos o Programa Mais Alimentos, para financiar 60 mil tratores de até 78 cavalos para os pequenos, mais máquinas agrícolas, com 2% de juros, dez anos de pagamento, três anos de carência, já vendemos mais de 30 mil tratores. Hoje, a maior produção de tratores no Brasil



é para atender o Programa Mais Alimentos, que era para durar um ano e foi tão bom que agora está fixo.

Estamos gastando quase que R\$ 1 bilhão por ano, para que a gente possa manter a assistência técnica viajando. O jumentinho está sendo substituído pela moto. Você não encontra mais carne em cima de jumento, não. Agora é uma motozinha pequena, mas rápida, não dá coice, de vez em quando vira.

Bem, essa coisa, na questão da agricultura, eu acho que é só olhar o mapa do mundo, é só olhar quem tem terra agricultável, é só olhar quem tem solo, quem tem sol e quem tem água, que a gente percebe que o Brasil não tem nenhuma preocupação de competir com quem quer que seja. E é por isso que tanto, na OMC, nós brigamos para fazer um acordo e, lamentavelmente, os americanos não quiseram, por conta das eleições, e os indianos não quiseram, por conta das eleições. Lamentavelmente. Mas nós ainda vamos continuar brigando para isso.

Então, eu acho que nós devemos... E também uma coisa importante: eu, uma vez, Paulinelli, descobri que a Embrapa tinha sido criada quando você era ministro e o presidente era Geisel, ou melhor, Médici. Não é isso, [19]73? [19]74? A lei é de [19]73. E quando eu fiquei sabendo que era no governo Médici que foi a lei, eu falei: “Está aí, a minha tese está certa”. Não tem gente totalmente ruim ou totalmente boa. Tem gente que tem coisa boa e tem coisa ruim. Se a gente explorar as coisas boas de cada um, é que nem colesterol: tem colesterol bom e colesterol ruim. Nós temos que...

E as coisas estão acontecendo no Brasil por causa dessa harmonização. Há uma harmonização. De vez em quando, se tenta politizar alguma coisa. Esse Roberto sofria, Paulinelli, você não sabe como ele sofria toda vez em que a bancada ruralista vinha para cima dele, como ele sofria. Porque é um homem de coração, tocador... cantador de tango, de bolero, não está disposto a ficar aguentando desaforo, ofensas e coisas parecidas. Eu não sei se alguém já



sofreu mais do que você. Aquele lá, não. Aquele lá é macaco velho da política, então samba do jeito que vem. Para ele não tem samba de uma nota só, para ele tem que ter muito mais nota.

Eu acho que nós estamos encontrando um ponto de equilíbrio neste país. Estamos encontrando um ponto de equilíbrio, e eu acho que nós vamos seguir em frente. A visão que eu tenho é que não tem mais como a gente retornar, não tem mais. Aquele discurso passado, aquela coisa ideologizada, aquela coisa de um achar, de politizar qualquer coisa...

Eu duvido que tenha tido, na história deste país, um ministro da Fazenda que tenha tratado a Agricultura como o Guido Mantega tem tratado a Agricultura. Duvido! E não é que os outros ministros sejam ruins, não. É que é próprio de quem é ministro sentar em cima do dinheiro. Não tem coisa mais agradável para alguém que cuida da economia, seja na casa da gente, seja no sindicato, seja numa empresa ou em um ministério, chegar ao final do ano e mostrar para o superior: “Olha, sobrou dinheiro”.

Então, eu acho que... Meus parabéns ao Ministério da Agricultura, que vocês também já foram uma miscelânea desgramada, não é? Já cuidou da reforma agrária, pesca, floresta e meio ambiente. Entre 1909 e 1930, era Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Era uma certa miscelânea. Os Ministérios da Agricultura e do Comércio nasceram juntos, em 1870. Nasceram como Secretaria de Estado de Negócio da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Eu fui informado que, em 1940, ele tratava até do Turismo, tratava até do Turismo.

Bem, hoje eu acho que está consolidado. Está consolidado, acho que ninguém mais questiona a existência do Ministério da Agricultura. A relação entre o Mapa e o MDA é perfeita, eu acho que... Eu não quis criar mais, mas eu estava pensando em criar o Ministério, também, da Micro e Pequena Empresa, porque não dá para o Miguel Jorge representar a Volkswagen e a fornecedora de parafusos da Volkswagen ao mesmo tempo. Eu nunca acreditei em



cooperativa que tinha um cidadão de 30 mil hectares e o outro de 2 hectares, nunca acreditei que pudesse dar certo. A tendência natural é do grande, mesmo que não queira, engolir o pequeno. Você, que é especialista em cooperativa, Roberto, é muito difícil. De qualquer forma, parabéns, de coração, ao pessoal da Agricultura.

Na questão do Transporte, também, o óbvio. Vocês estão lembrados que eu comecei a minha campanha, em 2002, comprando uma briga nacional de que não era possível a gente continuar tendo um déficit na área de transporte marítimo, de quase US\$ 8 bilhões, e a Petrobras contratando suas plataformas lá fora e comprando navio lá fora, e todo mundo dizendo que a gente não tinha engenharia, não tinha engenharia, que não tinha engenharia. Eu fui atrás de vários companheiros da indústria naval, fui atrás dos engenheiros da Petrobras, compramos uma briga. Teve gente, até ex-ministro que já morreu – que Deus o tenha – que foi colocar matéria paga na Gazeta Mercantil, que eu era ignorante, que o Brasil não tinha condições de fazer navio, não tinha condições de fazer plataforma, não tinha condições de fazer nada.

Oito anos depois, este país já tem quase 50 mil trabalhadores de volta, este país utiliza 75% de componentes nas plataformas e nas sondas de empresa nacional. Este país voltou a ser um país, porque teve uma época que acharam que nós não precisaríamos ser país, teve uma época que achavam que a gente não precisaria banco público. Nós tínhamos que vender. Ah, se o Obama tivesse um banco público como nós tínhamos o Banco do Brasil na crise, um BNDES ou uma Caixa Econômica Federal! Ah, se os europeus tivessem um banco público como nós tínhamos aqui! Porque na hora que veio a crise, quem colocou o (incompreensível) para tomar beliscão foi o banco público; quem tomou a decisão de comprar o Bamerindus, o Votorantim, fomos nós; quem tomou a decisão de comprar a Nossa Caixa... As pessoas diziam: “Você vai comprar a Nossa Caixa, Lula? Você vai dar dinheiro para o Serra ser



candidato contra você?”. Paciência, ele que faça o que ele quiser, mas o Banco do Brasil vai voltar a ser o maior banco do Brasil, e compramos. Liberamos R\$ 100 bilhões, R\$ 100 bilhões para os bancos privados comprarem carteira dos bancos menores para facilitar o crédito. Acontece que muito banco grande privado preferiu comprar títulos do governo que rendiam mais e não compraram as carteiras que nós queríamos. Nós fomos lá e compramos as carteiras. Só do Votorantim foi uma carteira de R\$ 90 bilhões de financiamento de carro usado, nós compramos metade.

Pois bem, eu digo assim, eu tenho pena dos ministros que foram ministros dos Transportes depois do governo Geisel, porque foi o último período de investimento em infraestrutura no país. E o Simonsen alertava, (incompreensível) deve se lembrar disso. O Simonsen alertava: “Não faça muita dívida porque a gente não vai ter o que pagar”. E o Geisel fez bastante dívida para poder fazer todas as obras de infraestrutura que ele imaginou fazer no seu plano quinquenal. Acontece que depois os Estados Unidos colocam um presidente do Banco Central chamado Paul Volcker, que precisou fazer o ajuste fiscal nos Estados Unidos e pegou um dólar que a gente pagava 3% de juros ao ano e passou para 21% de juros ao ano. Aí a dívida ficou impagável, e aí este país não teve mais condições de investir em infraestrutura.

Se vocês pegarem a última grande obra que é Tocantins, ela começou ainda no governo Geisel, a hidrelétrica de Tucuruí. Itaipu começou na década de 70. Acho que Xingó começou lá também, naquela época, nos anos [19]70. Não é que os ministros dos Transportes não eram competentes e não é que os governos não eram competentes. É que não tinha dinheiro. Nós passamos 20 anos, e aqui deve ter gente do setor da construção civil, acho que desse lado tem mais do que lá, porque quando o Wagner estava falando, o pessoal de lá aplaudia mais ele, quando era o Paulo Sérgio, aplaudia mais aqui, e eu acho que aqui não se misturaram, poderia ter feito. Isso aqui é torcida organizada da Agricultura e torcida organizada dos Transportes. Poderia ter sentado todo



mundo junto, e aí o samba seria bem melhor.

Mas o dado concreto, companheiros, é que esta semana eu fiquei tão emocionado! Eu fui à região de Uberlândia, anunciar investimentos no sistema de conferência com telão, em quatro pontos de Minas Gerais. Somente em uma região de Minas Gerais nós anunciamos 2 bilhões e 700 milhões de obras. Quando eu vi, agora, o Paulo Sérgio dizer: “Nós estamos pagando por mês o que contratava por ano, antes de 2003”, significa a atrofia que estava o sistema de transporte no Brasil. E, por falta de recursos, este país passou praticamente duas décadas e meia sem crescer. E em casa que não tem pão – todo mundo sabe – todo mundo briga e ninguém tem razão. Eu fico muito feliz quando o Paulo Sérgio diz: “Nós saímos de um orçamento de 1 bilhão, em 2003, para 16 bilhões agora”.

E vou terminar dizendo para vocês qual é o milagre que está acontecendo no Brasil. Eu lembro que, uma vez, eu descobri que o crédito todo do Brasil, o crédito todo do Brasil, de bancos privados e bancos públicos, em março de 2003, era de R\$ 380 bilhões. A Caixa Econômica Federal tinha disponibilizado, de crédito, de total de crédito dela, em 2004, ela tinha apenas 77 bilhões, hoje ela tem 281 bilhões de crédito. E o Brasil, que tinha apenas 380 bilhões, tem hoje R\$ 1 trilhão e 600 bilhões de crédito disponibilizado.

O BNB, do Nordeste, que você conhece tão bem, em 2002, conseguiu o milagre de emprestar R\$ 262 milhões, dos quais tinha 37% de inadimplência. No ano passado, nós emprestamos R\$ 22 bilhões e tinha apenas 3% de inadimplência. Com R\$ 1 bilhão e 300 milhões, nós emprestamos dinheiro para 1 bilhão de pessoas. Ou seja, nós aprendemos que ou o Estado exerce o papel de indutor da economia e, quando necessário, de regulador, ou aquilo que contaram para nós, que o mercado, por si só, resolveria todos os problemas, era uma falácia.

Quando veio a crise, as *trades*, que financiavam a produção agrícola vendendo fertilizante aqui desapareceram, e ninguém tinha mais crédito. Nós



não queremos um Estado empresário, nós não queremos que o Estado faça aquilo que é pertinente a quem sabe fazer, mas nós não queremos um Estado medíocre, onde os dirigentes, diante de uma crise, não sabem tomar decisões.

Na crise do *subprime*, nos Estados Unidos se, em julho, o Bush tivesse colocado US\$ 60 bilhões no Lehman Brothers, ele não tinha quebrado. Entretanto, é como uma doença: ou você cuida na hora, ou você deixa a doença piorar até matar o paciente.

E o Brasil – você não falou, Paulo Sérgio – nós vamos sair de Anápolis e vamos até Estrela d’Oeste, já processo pronto, licitação, para a gente poder ligar o Porto de Itaquí. Você vai trazer todo produto, Roberto, lá de Balsas até o Porto de Santos. Mas se quiser voltar para Balsas, volta.

Este país, havia 15 anos que não produzia um metro de trilho. Este país não produzia locomotiva, nós fomos convencer a GE a fazer locomotiva. Parece que neste ano vai produzir umas cem, ou tem encomenda de cem. Agora, até fábrica de turbina vai ser montada no Brasil. Porque não é possível, companheiros, um país ir para frente se as pessoas daquele país não acreditam nelas.

Na primeira coisa para... Um time de futebol. Veja a Seleção brasileira, agora: tomou um golzinho merreca, aquele golzinho de cabeça que foi meio contra, meio o Júlio Cezar falhou. Mas, se a gente tivesse um Didi que fosse lá dentro da área, pegasse a bola, colocasse embaixo do braço, levasse para o meio do campo, colocasse: “Ó, vamos ganhar esse jogo”. Como nós fizemos em [19]58. Não existe passe, no mundo, para político que não sabe tomar decisão. Não existe. E isso a gente não aprende na universidade, não aprende na universidade, ou seja, a gente vai aprendendo quando o casco da gente vai ficando duro que nem casco de jabuti, quando a chicotada já não dói mais. Porque o jogo é pesado e também porque nós poderíamos ter feito o dobro do que fizemos, se não fossem as amarras que nós, quando deputados, criamos para nós. Este país, hoje, tem uma super máquina de fiscalização, com



peças ganhando muito bem, e uma máquina fraca de execução, ganhando pessimamente mal.

E esse é o desafio da classe política para o próximo mandato: é tentar fazer reforma política, sim; é tentar colocar as coisas no seu lugar. Eu não posso ter um jovem de 23 anos no Tribunal de Contas, sendo engenheiro, para fiscalizar uma obra do Dnit, que tem um engenheiro de 30 anos ganhando R\$ 5 mil. É preciso que haja um equilíbrio. Então, companheiros, eu acho que nós encontramos um caminho de fazer este país ir para frente.

Imagine vocês, gente: eu e o Zé Alencar somos, na história do Brasil, os dois únicos dirigentes deste país que não têm diploma universitário. O Brasil já teve professor, advogado, médico. Mas também tinha gente que teve diploma que não valia muita coisa. Mas já teve, o cara dizia: “Eu sou doutor”, e aí vale. Eu, se não for doutor, posso ser um gênio e não posso prestar um concurso público. Se você não é um gênio, mas tem um diploma de doutor, não importa que seja por correspondência, você pode prestar.

Pois bem, o grande prazer nosso, aquilo que você falou, Paulinelli, o grande prazer nosso é que eu vou terminar este mandato sendo o Presidente da República que mais fez universidade na história do Brasil. Vou terminar este mandato fazendo, em oito anos, tudo aquilo que foi feito em 93 anos de escolas técnicas. Pegamos 140, vamos entregar com 214... ou, não, mais 214, vai para 354 escolas técnicas, e é muito pouco. É muito pouco diante do atraso a que nós fomos submetidos.

Quando a gente fala “pela primeira vez na história do Brasil” é porque ministro da Educação não se reunia com reitores, Presidente da República nunca se reuniu com reitores, Presidente da República não se reunia com prefeitos, Presidente da República não se reunia com empresários. Só aquele que era amigo, que levava ele para tirar férias ali, tirar férias acolá, aí ele... É verdade. Todo presidente tem um amigo empresário que leva ele para (incompreensível). Eu preferi ir às praias das Forças Armadas, que eu me



comprometo menos. Depois que terminar meu mandato, se os meus amigos empresários quiserem me convidar, sem nenhum preconceito. Estou aceitando desde já o convite. Mas enquanto eu estiver no exercício do meu mandato, eu tenho que me manter com a integridade que precisa ter um Presidente da República de um país importante como o Brasil.

Eu lembro como se fosse hoje, como os usineiros de cana tinham medo de mim. Não sei se era medo ou ódio. O primeiro cara que me apresentou para um pouquinho deles foi o Zé Machado, ex-prefeito de Piracicaba, para os fornecedores. Depois, o Palocci me apresentou para outros maiores. Aí depois, então, que eu trouxe o Roberto, eu conheci todos. O Maurício (incompreensível), grande amigo.

Então, uma vez eu até fui criticado porque eu disse: eu acho que eu recuperei a cidadania dos usineiros neste país, porque usineiro era que nem evangélico: na hora da campanha, os políticos queriam dinheiro do usineiro, mas depois tinha vergonha de conversar e a imprensa fotografar um político com um usineiro, porque parecia que ele tinha uma doença feia. Evangélico, era a mesma coisa: políticos modernos conversavam com evangélico escondido, com medo de que alguém soubesse que eles eram evangélicos. Ou seja, o que nós impusemos neste país? Nós não podemos ser governantes de duas caras. Não tem importância que eu tenha divergência de algum de vocês. Antes de tudo, eu tenho que respeitá-los como brasileiros, e tenho que tratá-los em igualdade de condições.

Eu duvido, duvido... Teve oito conferências de prefeitos neste país, oito conferências, as Marchas dos Prefeitos, nós fomos em todas. Recebíamos uma pauta de reivindicação, demorávamos quatro meses estudando ela, depois passávamos para 20 ou 30 ministros e, depois, no ano seguinte, a gente recebia outra pauta e devolvia.

Os trabalhadores rurais, todo ano fazem uma passeata, e são muitas passeatas: é Fetraf Sul, que é uma corrente; é Contag, que é outra corrente; é



Sem Terra, que é outra corrente; é a Marcha das Margaridas, que é outra corrente. Todo ano tem passeata, todo ano nós recebemos uma pauta de reivindicação, todo ano nós colocamos 20 a 30 ministros para estudar cada item da pauta, depois de 30 dias, chamamos e respondemos. O que a gente pode dar, a gente dá, o que a gente não pode dar, a gente não pode dar. Mas você ganha uma coisa: respeito. Você ganha uma coisa chamada respeito, coisa que muitos governantes, neste país, não tiveram, não tiveram.

Então, eu quero dar os parabéns ao Ministério dos Transportes, porque o milagre é que está pagando em dia. Antigamente, o governo fingia que contratava obra, fingia que pagava, os empresários fingiam que faziam e não acontecia absolutamente nada. Hoje, a ordem do governo é a seguinte: “Paulo Sérgio, é pagar. Só não pode pagar adiantado, por causa do Tribunal de Contas, mas, fez a medição, pague”. Porque é assim que a gente ganha credibilidade. É quando as pessoas percebem que é possível olhar um no olho do outro e um dizer a verdade para o outro, nos bons momentos e nos maus momentos.

Então, meus companheiros, eu acho que o Brasil ter um ministério da magnitude do Ministério dos Transportes... E quando nós inventamos o PAC, aí já foi um pouco de malandragem. Porque se você não tivesse criado o PAC, normalmente a tendência do ministro é tentar fazer mais obra na sua região. É.

Você sabe a briga que eu tenho para distribuir os estaleiros pelo Brasil afora, porque senão tem alguém que quer fazer só em um lugar. E eu não sou governo de um estado, eu sou Presidente do país, eu tenho que diversificar isso. Por isso é que nós recuperamos Rio Grande, no Rio Grande do Sul, com um porto extraordinário, produziu já oito plataformas... já estão contratadas oito plataformas para a Petrobras. É por isso que tem o Atlântico Sul, lá em Pernambuco. É por isso que queremos construir no Ceará, por isso queremos construir em Alagoas, mais no Rio de Janeiro, mais na Bahia. Queremos diversificar este país, porque nós não queremos apenas competir com



Cingapura, nós queremos que Cingapura venha encomendar navios aqui, porque a gente vai ter mão de obra mais qualificada.

Eu fui lançar um navio, agora, sabe quem eram as soldadoras do navio? Ex-cortadoras de cana. Meninas de 20 anos, que cortavam cana, que foram formadas pelo estaleiro, estavam soldando. Em uma demonstração de que é plenamente possível a gente revolucionar este país. É preciso que a gente tenha a certeza de que a gente não pode voltar atrás e que a gente precisa, daqui para frente...

Eu disse aos companheiros exportadores: quando a gente exporta, tem que aumentar a nossa responsabilidade e a nossa qualidade. Quem lida com o mercado externo sabe. Essa era uma dúvida para a questão do álcool, nós discutimos muito a questão do álcool. Quando a gente prometer entregar uma quantidade de bilhões de litros, tem que entregar. Quando a gente for vender carne no exterior, a nossa carne tem que ser de qualidade. A gente não pode ficar tentando passar carne de um estado para outro, para ver se engana o comprador lá. A gente pode enganar uma vez, pode enganar duas vezes, mas na hora em que descobrirem, a gente quebra a cara e todo mundo perde.

Um tempo atrás, muito tempo atrás, eu lembro de uma empresa que achava que podia enganar os outros: enchia o frango de água, congelava e vendia um pouquinho de gelo dentro do frango. Ele faz isso uma vez ou duas vezes. Na hora que pegarem, ele nunca mais vai vender lá fora.

É por isso que nós, agora, decidimos fazer investimento em inovação. A palavra agora, Roberto, é inovação. Ontem eu participei de uma reunião exuberante sobre inovação, e esse é o passo do Brasil.

Então, queridos companheiros e companheiras, o coquetel nos espera.

Um grande abraço. Parabéns a todos vocês, que são a razão do sucesso deste país.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**
